



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

AÍRIS CORRÊA DOS SANTOS

**CRIANÇAS E INFÂNCIAS DA AMAZÔNIA PARAENSE:** achados sobre a região do  
Baixo Tocantins

ABAETETUBA  
2022

AÍRIS CORRÊA DOS SANTOS

**CRIANÇAS E INFÂNCIAS DA AMAZÔNIA PARAENSE: achados sobre a região do  
Baixo Tocantins**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como parte do requisito para obtenção de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge

ABAETETUBA  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S237c Santos, Aírís Corrêa dos.  
Crianças e infâncias da Amazônia paraense : achados sobre a  
região do Baixo Tocantins / Aírís Corrêa dos Santos. — 2022.  
30 f. : il.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eliana Campos Pojo  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Pedagogia, Abaetetuba, 2022.

1. Crianças. 2. Infâncias. 3. Amazônia paraense. 4. Baixo  
Tocantins. I. Título.

CDD 300

---

AÍRIS CORRÊA DOS SANTOS

**CRIANÇAS E INFÂNCIAS DA AMAZÔNIA PARAENSE:** achados sobre a região do  
Baixo Tocantins

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como parte do requisito para obtenção de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data de aprovação: 19/ 07/ 2022.

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge  
Orientadora - UFPA

---

Profa. Dra. Vivian da Silva Lobato  
Examinador - UFPA

# CRIANÇAS E INFÂNCIAS DA AMAZÔNIA PARAENSE: ACHADOS SOBRE A REGIÃO DO BAIXO TOCANTINS

Aíris Corrêa dos Santos<sup>1</sup>  
Eliana Campos Pojo Toutonge<sup>2</sup>

## RESUMO

O artigo trata do ser criança na Amazônia paraense, em especial das que habitam a região do Baixo Tocantins, com o intuito de identificar a pluralidade dos contextos que os infantes vivem suas infâncias quando se pensa os desafios educacionais e de garantia de direitos de meninos e meninas. O estudo, dentro da abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico a partir de dissertações e teses dos autores Andrade (2018), Corrêa (2018), Buecke (2019), Pojo (2017) e Silva (2005), os quais discutem o sujeito criança, suas infâncias e suas produções infantis perpassando por relações no âmbito escolar, familiar e comunitário. Enfatizamos as abordagens mencionadas nos estudos, que afirmam as crianças como sujeitos atuantes, ativos, criativos no meio em que vivem, mesmo enfrentando uma realidade social amazônica demarcada por precárias condições de vida e de escolarização para esses sujeitos. Elas conseguem outorgar contornos próprios aos seus “mundos infantis”, ao construírem e partilharem suas práticas sociais e culturais, que dizem da singularidade da vida na Amazônia. Outrossim, dada a importância de compreender quem são as crianças, é preciso investir em mais estudos nesse enfoque pois na realidade da região do Baixo Tocantins, por exemplo, são poucos estudos que discutem sobre o tema, ao mesmo tempo, há muito ainda para se aprender sobre e com as crianças. Isto posto, é possível construir sob outras perspectivas as práticas educativas em nossa região, embebida da produção infantil em sua diversidade de crianças e suas infâncias.

**Palavras-chave:** Crianças; Infâncias; Amazônia paraense; Baixo Tocantins.

## ABSTRACT

The article deals with being a child in the Amazon of Pará, especially those that inhabit the region of Baixo Tocantins, in order to identify the plurality of contexts in which infants experience their childhoods when considering the educational challenges and guaranteeing the rights of boys and girls. The study, within the qualitative approach, of a bibliographic nature, based on dissertations and theses by the authors Andrade (2018), Corrêa (2018), Buecke (2019), Pojo (2017) and Silva (2005), who discuss the child subject, their childhoods and their children's productions passing through relationships in the school, family and community. We emphasize the approaches mentioned in the studies, which affirm children as active, active, creative subjects in the environment in which they live, even facing an Amazonian social reality marked by precarious living and schooling conditions for these subjects. They manage to give their own “children's worlds” contours, by building and sharing their social and cultural practices, which speak of the uniqueness of life in the Amazon. Furthermore, given the importance of understanding who the children are, it is necessary to invest in more studies in this approach, because in the reality of the Baixo Tocantins region, for example, there are few studies that discuss the subject, at the same time, there is still much to be done, learn about and

---

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Licenciatura em Pedagogia. E-mail: airissantos7@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora, doutora em Ciências Sociais, Docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais (FAECS)/UFPA.

with children. That said, it is possible to build educational practices in our region from other perspectives, embedded in children's production in its diversity of children and their childhoods.

**Keywords:** Children; childhoods; Pará Amazon; Lower Tocantins.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo trata do ser criança na Amazônia paraense, com intuito de compreender quem são, como vivem e produzem suas culturas próprias em contextos amazônicos, em especial as que habitam a região do Baixo Tocantins. Revisitando e estudando referenciais teóricos precisamente dos autores Andrade (2018), Corrêa (2018), Buecke (2019), Pojo (2017) e Silva (2005), buscamos refletir como as crianças vivem, brincam e interagem, como produzem suas formas de vida no mundo social em distintos lugares, por considerar importante identificar a pluralidade dos contextos da região amazônica e tocantina quando se pensa os desafios educacionais e de garantia de direitos para tais sujeitos.

Somos sabedores que nos diferentes lugares, a relação de ser criança ganha novos contornos, devido a questão socioeconômica, cultural e educacional presente na região em que vivem, portanto, suas histórias de vida são construídas pelas relações e condições que são estabelecidas, vivendo experiências no seu cotidiano, e assim gerando modos infantis nesse pedaço da Amazônia. Nesse sentido “A infância, ou melhor, a maneira como é vivida, não é igual em toda parte, mas se difere em cada lugar para lugar. Cada sociedade tem sua cultura e por meio dela designa critérios que determinam como ela será residida pelas crianças” (ANDRADE, 2018, p. 73).

O interesse da pesquisa se justifica por querer conhecer um pouco mais do assunto, e também porque, mesmo com o aumento de estudos sobre crianças e infâncias na Amazônia, ainda são ínfimos os estudos no tocante as que vivem na região do Baixo Tocantins. Nesse sentido, o estudo perpassou as seguintes questões: quem são as crianças do Baixo Tocantins? Como elas vem produzindo suas infâncias? Nos dirigimos a partir do objetivo: analisar as crianças e suas infâncias da Amazônia paraense, nos aspectos educacionais e de vida.

O estudo situa-se na abordagem qualitativa e, envolveu a pesquisa bibliográfica. Para o aprofundamento/levantamento nos atemos aos referenciais teóricos de dissertações e de teses que abordam a criança e a infância na região tocantina e amazônica paraense.

A pesquisa bibliográfica é realizada a partir do:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p.122).

Como salientado focalizamos nos referenciais bibliográficos, os quais situam a natureza das fontes. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes construídas por materiais já elaborados por outros autores, como livros, teses, dissertações, artigos científicos localizados na internet e em bibliotecas (GIL, 2007). Com o intuito de levantar informações sobre discursões a respeito dos conhecimentos que se tem produzidos sobre o tema de estudo. Nesse sentido, nosso estudo se deteve nos referenciais dos seguintes autores: Andrade (2018), Corrêa (2018), Buecke (2019), Pojo (2017) e Silva (2005)<sup>3</sup>, que discutem, em suas teses e dissertações, acerca da criança, de infância, do brincar, em suma, tratam do mundo infantil em condições concretas de vida, e considerando os lugares em que vivem.

A escolha dos autores se deu a partir do eixo, crianças e infâncias na Amazônia paraense, logo, os trabalhos trazem subsídios teóricos e das realidades a respeito das crianças amazônidas, enfatizando modos de vida em vários aspectos, revelando aspectos de cada localidade pesquisada no contexto da região amazônica, conforme as situamos na tabela abaixo:

**Tabela 01 – Teses e Dissertações**

<b>Eixo: Crianças e infâncias na Amazônia paraense</b>			
<b>Quant.</b>	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Foco da abordagem</b>
Teses	ANDRADE, Simeí Santos. (PUC-Minas)	A infância da Amazônia Marajoara: sentidos das práticas culturais no cotidiano das crianças ribeirinhas da vila do Piriá – Curralinho/PA.	Refletir sobre as práticas das crianças ribeirinhas que abarcam a constituição de sua identidade, o espaço, tempo e as vivências no ambiente em que vivem.
	POJO, Eliana Campos Toutonge. (IFCH-UNICAMP)	Gapuiar de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA.	Analisar os modos de vida do ser quilombola e ribeirinho, pontuando o lugar e tempo marcados pelas águas que cercam as relações sociais e culturais na comunidade do rio Baixo Itacuruçá em Abaetetuba-PA.
Dissertações	BUECKE, Jane Elisa Otomar. (PPGED - UEPA)	Infância e práticas educativas na Amazônia seiscentista.	Compreender as práticas educativas representadas no século XVII, entre as crianças e a relação dos saberes e conhecimentos que estão envolvidos nessas práticas.
	CORRÊA, Jéssica do Socorro Leite. (UFPA)	A criança e o Mar: saberes e infâncias em dois contextos de pesca, Bragança-PA.	Compreender e interpretar as vivências das crianças e de sua infância dentro do contexto de pesca em duas comunidades localizadas próximas a cidade de Bragança- Pa.
	SILVA, Adriano Sales dos Santos. (NPADC/UFPA)	Formação continuada de professoras de infância no Baixo Tocantins: concepções de crianças [infância] e interdisciplinaridade.	Compreender os processos educacionais para a qualidade na atuação de professores, ressaltando a formação continuada de professores que atuam com crianças.

Fonte: elaboração da autora, a partir das teses e dissertações.

<sup>3</sup> Os estudos foram escolhidos considerando as palavras crianças e infâncias na Amazônia paraense, evidenciando esses sujeitos como principais protagonistas das investigações bem como considerando a Amazônia paraense e a região do Baixo Tocantins, o que neste aspecto pegamos autores que se aproximam da temática, até porque não encontramos estudos especificamente na/da região.

Como vemos foram duas teses e três dissertações, que trazem resultados de pesquisas realizadas na região amazônica paraense e na região do Baixo Tocantins. Nesta última, nenhuma delas trata focalmente no tema do estudo, mas entram no assunto, por isso selecionamos. Demonstra assim, a escassez do estudo na região bem como pouco tempo para a realização das buscas. São estudos que fazem uma contextualização histórica, cultural, social e econômica das condições de vida das crianças nos lugares, permitindo fazer análises sobre o assunto.

Pautando as crianças em suas infâncias nesses contextos, organizamos este texto da seguinte maneira: O ser criança na Amazônia paraense, situado por processos vividos em diferentes contextos da região amazônica, com os trabalhos de Buecke (2019), de Andrade (2018) e o de Corrêa (2018). Na sequência, abordamos as crianças e infâncias da região do Baixo Tocantins, baseado nos estudos de Pojo (2017) e Silva (2005). Finalizamos, tecendo alguns comentários de caráter ensaístico de quem são as crianças em suas infâncias na região tocantina.

## **1 O ser criança na Amazônia paraense**

Neste item, as pesquisas trazem contribuições a respeito do ser criança na Amazônia, perpassando por aspectos históricos, da vida concreta de infantes na sociedade e de possíveis configurações vividas no local onde habitam. Assim, cada subitem busca elucidar a vertente do autor/a acerca do ser criança e sua infância, situada nos contextos que vivem. Buecke (2019), revela uma perspectiva histórica das crianças e suas práticas educativas vividas no século XVII. Andrade (2018), analisa o processo histórico, os sentidos e significados das práticas culturais do cotidiano das crianças ribeirinhas na comunidade da Vila do Piriá, buscando compreender também a realidade mais ampla das crianças da região marajoara. Por último, Corrêa (2018), situa a vida de crianças a partir do contexto de pesca em duas comunidades próximas de Bragança-Pa, pormenorizando vivências cotidianas do brincar e outras atividades exercidas nos espaços dos lugares, que promovem sentidos e significados culturais e sociais.

### **1.1 Infância e Criança no contexto da Amazônia no século XVII**

A dissertação intitulada “Infância e práticas educativas na Amazônia seiscentista” de Buecke (2019)<sup>4</sup>, aborda a história da infância e da criança no contexto da Amazônia no século

---

<sup>4</sup> Atualmente, é doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Pará (PPGED - UFPA). Atua como Técnica Pedagógica na Universidade do Estado do Pará (UEPA) desde 2019. É integrante dos Grupos de Estudo e Pesquisa Pedagogia em Movimento (GGPEM/UEPA), História da Educação na Amazônia (GHEDA/UEPA) e Cultura e Educação nos Impérios Ibéricos (CEIbero/UFMG). Fonte: <https://lattes.cnpq.br>.

XVII, compreendendo as práticas educativas representadas nesse período entre as crianças e a relação dos conhecimentos que estão envolvidos nessas práticas.

Tratou de um estudo baseado em fontes bibliográficas e documentais que auxiliou na compreensão da história e a realidade das crianças na Amazônia. Focalizou uma perspectiva histórica cultural da criança por meio do seu cotidiano. Nesse sentido, foram questões que conduziram o estudo: o que é ser criança da Amazônia no século XVII? Como elas viviam? Como se apresentava o seu cotidiano? Quais aprendizagens eram desenvolvidas nesse período? Como aprendiam e com quem.

A dissertação contém três capítulos. No primeiro capítulo, “olhares sobre a infância: da Europa Moderna à Amazônia seiscentista”, a autora dá ênfase a infância a partir das crônicas, “Cartas jesuíticas”, visando compreender esses sujeitos e sua vida na Amazônia Colonial, assim percorre em sua narrativa pela concepção da infância e como as crianças eram vistas bem como adentra nas especificidades do contexto amazônico da época.

Buecke (2019), informa que ao longo do tempo houve mudanças no pensamento sobre a infância na sociedade, alcançando o valor das especificidades de ser criança, mas para se chegar nessa ideia um longo processo se viveu. Foi, a partir do século XVII, que se passa a ter um novo interesse pelas crianças, por meio da pedagogia educacional, com a perspectiva de formar as crianças conforme a moral e ética desse tempo. E, nesse sentido, a construção da história da infância na Amazônia, se creditou com:

As características próprias da formação brasileira baseada em mais de três séculos de colonização, as diferenças regionais e culturais que se formaram sob a influência dos povos nativos, de negros trazidos para cá forçosamente, e imigrantes de várias partes do mundo forjaram um modo peculiar de compreender a infância, de se relacionar com as crianças, de definir o papel e a forma como ela deveria ser tratada (BUECKE, 2019, p. 40).

Como vemos a infância foi concebida de várias formas na sociedade, considerando as construções históricas, sociais e culturais. No Brasil Colonial, os povos nativos tinham o seu próprio modo de vida e de organização social, sendo bastante reorganizados/movimentados com a vinda dos portugueses ao Brasil. O sujeito criança, nesse tempo, também foi alvo de instrução no que ficou conhecido como o processo de catequização da doutrina cristã, que visava a moralidade e ética das crianças brasileiras, como uma prática educativa (BUECKE, 2019).

Segundo Buecke (2019), na perspectiva dos povos da região amazônica, a infância era tratada de outra maneira. As crianças eram percebidas em várias fases da sua vida, ou seja, desde recém-nascidas até sua adolescência, havia a preocupação e o cuidado das mães com seus

filhos em vários aspectos, na alimentação e nas práticas sociais ocorridas nos seus espaços de convivência. As famílias interagiam com as crianças no ciclo cotidiano e na cultura.

Desde cedo, as crianças ajudavam seus pais nas atividades cotidianas, sendo a pescaria uma das formas. Elas eram inseridas e aprendiam o ofício de práticas culturais, que eram realizadas principalmente para obter o sustento familiar da população. Nesse contexto, percebemos o contraste entre os povos nativos da região e os colonizadores, que tinham formas diferentes de ver e perceber as crianças e suas infâncias. Neste ponto, a autora ressalta existir várias infâncias na Amazônia no século XVII, principalmente entre os povos da região.

Entre os tupinambás as crianças eram consideradas importantes transmissoras da sua cultura. Nota-se entre eles um sentimento claro da infância, pois davam uma atenção particular a esta fase da vida marcada por rituais de passagem e práticas educativas que visavam a transmissão do saber cultural acumulado (BUECKE, 2019, p. 56).

Então, no decorrer da história a construção da criança e sua infância foi percebida de diversas formas ao longo da colonização, pelas influências culturais do lugar de origem e no meio social, mas que se relacionavam com a realidade da época.

No segundo capítulo, “Práticas educativas na Amazônia colonial”, a autora descreve-as nos aspectos familiar e das relações religiosas bem como centrando nos conhecimentos adquiridos pelas crianças.

A autora discorre que a formação educacional se dava de forma coletiva e no seio familiar, nesse sentido os pequenos recebiam instrução pelas pessoas mais velhas e associada ao saber cultural o que de certa forma sedimenta uma identidade cultural das crianças (BUECKE, 2019). Impunham, os nativos da região, uma pedagogia do “silêncio”. “Era de forma silenciosa que crianças e adolescentes observavam e imitavam os mais velhos e aprendiam os saberes que os identificavam como nação; saberes esses fundamentais para que tais crianças exercessem o papel social que lhes cabia no grupo” (BUECKE, 2019, p. 61). Assim, as relações de aprendizagem ocorriam através da memória, repetição, observação e imitação, que eram presentes e envolvidas nos espaços sociais de um grupo, juntamente com os adultos.

Do lado dos religiosos, suas práticas educativas destinadas às crianças também se faziam presente, assim “A relação entre jesuítas e colonizadores foi permeada por trocas culturais pois na intenção de ganhar as almas dos nativos, e ao buscarem em seus métodos evangelísticos se aproximar da cultura dos índios [...]” (BUECKE, 2019, p. 75). Nesse capítulo, fica explícito que havia dois meios de aprendizagem das crianças, o experienciado na família, através dos costumes e saberes transmitidos pelos adultos e, o dos mestres, via educação formal às crianças.

O último capítulo “Saberes do cotidiano na Amazônia colonial”, a ênfase é para os saberes que circulam no cotidiano das crianças. Buecke (2019) acredita que as experiências vividas e aprendidas transmitem conhecimentos importantes para o desenvolvimento da criança como sujeito social, elas se educam com a circularidade e socialização dos saberes do cotidiano.

Os saberes, na visão da autora, permeiam os movimentos do dia a dia, a comunicação e a linguagem oral como característica desses povos originários da Amazônia, assim tais aspectos fazem parte do processo de educação das crianças na Amazônia colonial. Afirma a autora que os “saberes linguísticos” aprendidos são valores culturais que as ajudam no sentido de pertencimento e de convívio com a sociedade e com o lugar que habitam (BUECKE, 2019).

A autora destaca ainda, a música como uma prática cultural cotidiana dos nativos e utilizada pelos religiosos como liberdade de expressão por meio da relação com a natureza e seus pares. A música nesse sentido, circulava como um meio de comunicação, de alegria e diversão entre as pessoas, aliado a dança, que também se destaca como um elemento que envolve saberes. “Por meio da observação dos pais, as crianças índias incorporavam as danças em suas práticas” (BUECKE, 2019, p. 100), assim se fazia circular o saber bem como o corpo se tornava um espaço de aprendizagem. E mais, são parte desse conjunto de saberes das crianças, os jogos e brincadeiras bem como parte das interações, a ambientação nos diversos lugares e as atividades do dia a dia como a pesca. “Nadar e pescar eram, portanto, práticas do cotidiano das crianças índias, que lhes proporcionavam a aquisição de saberes fundamentais para a sua inserção e identificação naquele grupo social” (BUECKE, 2019, p. 103).

Como síntese, podemos dizer que na visão de Buecke (2019), os saberes iam sendo transmitidos por meio da linguagem e observação, compunham o cotidiano das crianças, e dessa forma elas eram vistas como sujeitos culturais e sociais, com vivências que construam a sua identidade infantil. Suas infâncias na Amazônia no século XVII, tinha como atuação principal as experiências culturais do cotidiano, não sendo considerada tão somente a cultura, muitas vezes, imposta pelos colonizadores, pois buscava-se, nesse tempo, resistir também com a circulação e a aprendizagem da cultura regional (local). Ou seja, mesmo havendo a imposição de outras culturas, as crianças vivenciam e até ressignificam o seu modo de viver e ver a vida, fazendo-se ativas na construção de sua identidade e do ser criança.

## **1. 2 Práticas culturais das crianças ribeirinhas**

A tese de Andrade (2018)<sup>5</sup> trata das infâncias no Marajó, precisamente analisando os sentidos e significados das práticas culturais inseridas no cotidiano das crianças ribeirinhas da Vila do Piriá- Currealinho/Pa. Seu estudo se assenta nos Estudos Sociais da infância, sob o olhar da autora para a realidade do lugar em que as crianças vivem, seu papel na sociedade e a diversidade cultural envolvida naquele contexto. Toma as crianças como atores das suas histórias. Ainda, enseja refletir sobre as práticas das crianças ribeirinhas que abarcam a constituição de sua identidade, o espaço, tempo e as vivências no ambiente em que vivem.

Dentro da abordagem qualitativa, e de base etnográfica com as crianças, busca analisar os discursos das crianças e, também, dos seus pais e pessoas próximas pela convivência na comunidade. Nesse sentido, a autora organiza sua tese em duas partes. A primeira, compreende a pesquisa de maneira geral, buscando situar o leitor sobre o tema em questão e o local de pesquisa, Marajó. A segunda parte, analisa as práticas culturais das crianças ribeirinhas em vários aspectos da sua vida, precisamente dos sujeitos da Vila do Piriá.

Na primeira parte da tese, Andrade (2018) adverte que a realidade amazônica e marajoara precisa ser analisada levando-se em conta o processo de colonização que existiu e que reflete até os dias atuais na sociedade. Logo, “Pensar a infância e seus atores sociais requer uma análise de como a sociedade foi produzindo ao longo de sua história e conceitos sobre esses pequenos cidadãos; sua importância advém da maneira como a sociedade as vê” (ANDRADE, 2018, p. 72). Nesse processo, foram sendo marcados a chegada das grandes navegações no Brasil, sendo a Amazônia alvo da cultura europeia e da exploração pela sua força de trabalho os povos indígenas, de homens, mulheres e crianças. Como resultante, tivemos a recusa ou desmerecimento da história e cultura local sob a lógica de uma cultura dominante. Afirma a autora,

As expedições que chegaram ao Brasil e na Amazônia tinham a função de dominar por meio da opressão explícita (escravidão) e implícita (catequese), por exemplo. As crianças interagiram no seu grupo e nas demais comunidades tribais, o que fez com que os europeus, sobretudo os portugueses, percebessem que elas poderiam ser a estratégia que precisavam para conquistar os demais membros de outras etnias (ANDRADE, 2018, p. 77).

Como vimos, as crianças foram parte da estratégia e da propagação da cultura europeia, por estarem presentes em todos os ambientes, a partir da sua interação e relação com outros

---

<sup>5</sup> Pós-Doutora em Artes (UFPA/PPGARTES-2020). Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas-2018). Atualmente é professora do Programa de Pós-graduação em Artes – Mestrado Profissional (PROFARTES) da UFPA e da Faculdade de Dança (UFPA/ETDUFPA). Também, é coordenadora do Núcleo de Pesquisa Infâncias Amazônicas: Arte, Cultura e Educação de crianças em diferentes contextos (NUPEIA), associado a Emíli@ - Rede interdisciplinar Ibero-Americana de estudos e pesquisas sobre Direitos Fundamentais e Políticas para o bem-estar de crianças e jovens. Fonte: <http://lattes.cnpq.br>.

grupos de interesse. Assim, segundo Andrade (2018) as crianças são seres ativos no ambiente em que vivem e fazem do seu lugar um espaço de troca de conhecimentos e saberes.

Bastante próximo dos estudos de Buecke (2019), esta estudiosa considera que no contexto da colonização da Amazônia, as crianças formam vistas, de modo diferente, pelos nativos e pelos colonizadores. Para os nativos, a criança é parte da sociedade, e é por meio de seus pais acontece seus primeiros cuidados, que aprende da vida social e de aspectos educativos, os quais são transmitidos na/pela cultura local. Nessa relação, a criança tem importância e valor específicos. Enquanto, na visão dos europeus, as crianças precisam ser orientadas em outros valores, elas serviam somente para uso da sua mão de obra. Ou seja, as crianças não eram consideradas e nem percebidas na sua essência.

Na vertente capitalista, a Amazônia passou mais ainda a ser vista como um espaço de potencial de recursos e riquezas naturais. Por isso, encontra-se marcada pela extração desses recursos bem como vivendo conflitos na floresta amazônica (ANDRADE, 2018). Em meio a tudo isso, vemos o envolvimento das crianças em ações laborais desenvolvidos por seus pais e pessoas próximas. Ou seja, “[...] as crianças participavam ativamente das atividades produtivas, embora não recebessem o valor econômico correspondente ao seu trabalho, pois eram considerados “ajudantes” dos pais, irmãos mais velhos, tios e avós” (ANDRADE, 2018, p. 88). Na visão da autora, de uma maneira ou de outra, as crianças eram envolvidas em situações de produção de trabalho e afazeres do cotidiano familiar.

Com base nos estudos e leituras, Andrade (2018) afirma o que já sabemos, a região amazônica se destaca pelas muitas desigualdades sociais e de pobreza, por não haver políticas públicas que alcancem a todos igualmente, ainda lhes falta muito para desenvolver uma qualidade de vida considerável para as famílias dessa região, com problemas os mais variados, e, dentro desses aspectos de vida da região marajoara, se presencia concretamente a história e a realidade das crianças por meio de suas vivências.

Precisamente, o ser ribeirinho na Amazônia Marajoara está articulado com o seu cotidiano. E, no conjunto da vida social e política da Vila do Piriá, se encontra conforme sentença Andrade (2018):

[...] a construção da identidade da criança ribeirinha se faz e se refaz num movimento de ação e reação ao descaso do poder público para com a infância do Norte do Brasil, da falta de políticas que deem a ela condições de viver com dignidade, que tenha seus direitos a uma vida feliz e respeitada na sua condição de pequeno cidadão (ANDRADE, 2018, p.136).

Ela afirma, olhando a partir dos infantes que mesmo com as muitas mazelas sociais, resistem a realidade imposta na sua região, e se constrói naquele território com especificidades,

“[...] tem minudências próprias que foram se constituindo na cotidianidade das populações que compõem esse território” (ANDRADE, 2018, p. 140).

Segundo a autora, na Amazônia há uma diversidade de lugares, infâncias e crianças, com suas especificidades, saberes e conhecimentos, na forma com agem no seu dia a dia e com a natureza carregado de significados.

As crianças ribeirinhas detêm saberes culturais primorosos, ricos em detalhes, observáveis nas práticas cotidianas ligadas diretamente à natureza. No exercício dessas práticas conhecimentos diversificados compõem a dinâmica das vivências que se dão na água, na terra, na mata e em outros locais criados por elas (ANDRADE, 2018, p. 146).

Na segunda parte, a autora discorre sobre as práticas culturais das crianças ribeirinhas em vários aspectos da sua vida. Aqui, são destacados as diferentes trocas e relações desses sujeitos nos espaços e ambientes do lugar, como suas formas de interação com os rios e pontes, canoas e afazeres do cotidiano. No caso das especificidades que compõem as práticas culturais são partes a oralidade, inclusive, se sobrepondo a cultura escrita; sua integração com natureza. Tem sentido singular o lugar de vivência das crianças, como “[...] tomar banho no rio, andar de canoa, pescar, tomar a bênção” (ANDRADE, 2018, p. 302). É nesse meio social que as crianças desfrutam de espaços, interações e saberes.

Outro aspecto de domínio dessas crianças é o espaço geográfico por relações estabelecidas com o local, cujos relatos das crianças ribeirinhas da Vila do Piriá, evidenciam que as águas são o seu ponto de referência, é por meio dos seus movimentos de subida e descida da maré, das correntezas dos rios, das chuvas e as fazes da lua que marcam um tempo pela natureza e se torna uma particularidade da vida das crianças, que conhecem o que precisa ser feito e direciona em cada momento do seu cotidiano (ANDRADE, 2018).

As crianças, com seus movimentos, interações e saberes culturais vividos no cotidiano são presentificados com o corpo, com um corpo vivido, pela maneira de utilizá-lo, de se alimentar; de dormir; fazer a higiene; de se expressar com gestos próprios. Por meio de atividades que envolvem a família ajudando na pesca ou na confecção de utensílios; do brincar. Assim, meninos e meninas da Vila Piriá são ativas no seu cotidiano dando novos sentidos a sua ação, pois conhecem o seu lugar e se reconhecem através dele, tornando os espaços da comunidade lugares de intensas interações, que se mostram particularmente desenvolvidas por meio da brincadeira, realizada em diferentes lugares, com um movimento próprio e livre de viver essas experiências. Nesse contexto outro espaço simbólico é a ponte, onde acontece o brincar de pira, pipa, macaca, entre outros. No lugar, vivenciam momentos culturais de significados para suas vidas.

Ao final, a autora afirma que o ser criança e a constituição das infâncias das crianças da região amazônica e, precisamente das que habitam a Vila do Piriá, se dão por meio de diversos fatores que estão inseridos no seu cotidiano e nos seus modos de viver em sociedade, movimentado pelas práticas culturais, demonstrando as suas particularidades dos espaços em que habitam. Pois nenhuma infância é igual a outra, cada um vive a sua experiência cultural conforme o universo que o cerca. Diz ainda que as crianças são cheias de conhecimentos, sabem se comunicar de forma própria, tem seus desejos e aspirações, tem suas manifestações culturais específicas, evidenciada pela relação do brincar com seus pares. Elas conhecem o seu lugar e dele se apropria de forma significativa e em suas experiências culturais.

### **1.3 A construção da criança do contexto de pesca na região bragantina**

O estudo de Corrêa (2018)<sup>6</sup>, teve como principal objetivo compreender e interpretar as vivências das crianças e de sua infância dentro do contexto de pesca em duas comunidades localizadas próximas a cidade de Bragança-Pa, com base na ideia de que “somos sujeitos envoltos em cenários de vivências e permeados de relações com o outro, somos uma construção coletiva desse emaranhado de inter-relações com humanos e o ambiente” (CORRÊA, 2018, p. 10).

O estudo fez uso do método etnográfico visando adentrar nas especificidades de cada local que realiza a atividade da pesca como prática do cotidiano. Para construção de sua narrativa, traz três seções.

Na primeira, intitulada “a pesquisa com crianças” trata de compreender as crianças no seu contexto de vida local, que constroem suas significações e saberes por meio de suas vivências e experiências, nos espaços e com seus pares. Adentrando nas comunidades de Vila Tucum e Vila que Era, notou vários aspectos que relacionam o ser criança na Amazônia, que se diferenciam, por meio do seu envolvimento que as crianças têm com a natureza e o seu dia a dia nas atividades de pesca. Na Vila Tucum as crianças estão presentes em vários momentos do dia na/da comunidade, tanto na organização do espaço, quanto do tempo, em que se encontram envolvidas nas atividades de pesca ou de lazer, interagindo juntamente com os adultos e com outras crianças. A atividade de pesca do camarão branco nesta vila, além de um trabalho que gera o alimento e o sustento para as famílias, é também uma das ações que proporcionam momentos de lazer. “Pois a pesca também é uma diversão, e o encher e vaziar faz

---

<sup>6</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2015) e com experiência profissional na área de Educação, com ênfase em Administração Educacional. Fonte: <http://lattes.cnpq.br>.

marés é o principal relógio da comunidade e, também, a principal fonte de alimentação” (CORRÊA, 2018, p. 36).

Segundo a autora, as crianças estão presentes nesse contexto de pesca e vivências dessas atividades, pois estão a todo momento atentas a tudo o que acontece a sua volta, observando ou ouvindo os pais explicarem sobre a prática de pesca. Diz a autora, ser o “primeiro mecanismo de aprendizagem das crianças, que consiste no ouvir e observar particularidades daquela prática pesqueira” (CORRÊA, 2018, p. 38). Durante suas observações ficou nítido que as crianças não acompanham os pais nas pescarias, apenas tem o contato por meio das margens das águas, pela partida e chegada das canoas, entretanto, nos momentos que a pesca é realizada em família, ficam mais próximos das situações realizadas nas pescarias. São nesses momentos que ocorrem a observação pelas crianças, num espaço e tempo significativo para elas.

Na Vila que Era, a pesquisadora percebeu que se produz diversas atividades além da pesca, cuja atividade é em menor proporção nas famílias que moram nesse espaço. A interação entre os adultos e as crianças são feitas por meio das vivências realizadas nas atividades de agricultura, da pesca e do artesanato, momento que envolve vários aspectos culturais e de produção de saberes. O processo de plantação e produção de farinha d’água é uma das atividades realizadas em família, com a participação de todos, que se organizam e tem os seus modos de fazer. Outra atividade que se destaca é a produção de peças de barro, um dos ofícios passados de geração para geração, que contribui também como fonte de renda da população (CORRÊA, 2018).

Na segunda seção “crianças: os atores sociais em evidência”, Corrêa (2018) discorre sobre a crianças como sujeitos ativos nos espaços em que estão inseridas, ancorando-se para isso, na perspectiva “Social da Infância e da nova Sociologia da Infância”, destacando que existe várias infâncias, construídas por diferentes grupos de crianças e contribuições culturais e sociais, em determinada região.

Segundo a autora, as experiências ocorridas no cotidiano das crianças estão quase sempre ligadas as brincadeiras, aos modos de vida local. Os interesses que se apresentam no dia a dia impulsionam o desenvolvimento de saberes e interações, vividas por elas num movimento de significados e momentos de diversão, portanto, elas estão na experiência da “corporeidade por meio do brincar e do “sentir e o experimentar”, assim observado pela autora, conforma sentença: “O movimento corporal e a aprendizagem estão profundamente interligados, é a partir do uso do corpo que desenvolvemos habilidades e adquirimos

conhecimentos, em um amplo e contínuo processo de aprendizagem” (CORRÊA, 2018, p. 59). Dessa forma, tais interlocuções têm significações e sentidos para a vida da criança.

Na visão dela, “O sentir e o experimentar” relacionam-se aos sentidos do ser humano. É por meio da experiência que a criança conhece o novo, e vive momentos significativos para a construção de sua aprendizagem e desenvolvimento de saberes culturais e sociais. Nesse sentido, uma experiência destacada por Corrêa (2018), foi a da pescaria na Praia do Lombo do cachorro<sup>7</sup>, junto com uma família da região, evidenciando a experiência com e no lugar.

Outra experiência marcante citada pela autora é a ida ao manguezal, para a extração da iguaria chamada turú - alimento típico da região, que é retirada de troncos de árvores apodrecidas. Na ocasião o pai do menino entrega o turú limpo para ele experimentar, e a reação é inusitada, pois se põe em ação o sentir e o experimentar.

[...] e todos os que ali estão presentes ficam atentos as reações do garoto, que pega com a palma de sua mão esquerda o molusco, olhando atentamente aquele ser de corpo alongado, como se estivesse a analisá-lo, em seguida também coloca a mão direita, muito provavelmente para sentir melhor o que estava prestes a colocar na boca, por conseguinte, coloca na boca por um tempo relativamente pequeno, aquele novo sabor não o agradou de imediato, logo retirou fazendo uma expressão facial de não aceitação, mas em seguida resolve dar outra função para o molusco que não seria a comestível, e assim começa a brincar e fazer graça com ele em sua boca, arrancando gargalhadas de todos os presentes (CORRÊA, 2018, p. 65-66).

Este exemplo, segundo a autora, evidencia que as crianças têm jeitos próprios de sentir e experimentar as coisas, nesse caso o menino faz de forma lúdica, por meio da sua imaginação e da brincadeira. Também, os saberes e experiências são aprendidos pelas crianças em interação com o meio e com sua família, “[...] para o grupo geracional da infância os saberes são constituídos e a aprendizagem é impulsionada, principalmente, pela família, mas também nas relações que se estabelecem em contexto (escolar e/ou comunitário), o que se define enquanto cultura de pares infantis” (CORRÊA, 2018, p. 69).

Na sequência, a autora discute a importância da aprendizagem vivida socialmente, em que “[...] os aspectos pedagógicos inseridos nesse contexto da pesca”, são parte dos convívios das crianças nos espaços e com outras pessoas, associado a construção da sua identidade cultural a partir, como mencionamos, do seu total envolvimento nas atividades do cotidiano (CORRÊA, 2018, p. 81). No meio familiar ocorrem momentos de aprendizagem, momentos de compartilhamento de conhecimentos e de cultura. Na “pesca em família”, se experimenta saberes e vivências desse contexto.

---

<sup>7</sup> Observação e experiência realizada na pescaria com a família de Zico na Vila Tucum, destacando as suas vivências pesqueiras (CORRÊA, 2018).

Ainda, as crianças não apenas reproduzem o que é ensinado pelos adultos, elas vivem esses ensinamentos de forma particular e “[...] cada vivência e experiência se organizará em nós de forma diferenciada e resultará em posicionamentos também distintos e peculiares” (CORRÊA, 2018, p. 82).

Na terceira seção “A fotografia como representatividade do cotidiano infantil”, Corrêa (2018) aborda essa forma de dizer sendo produzida pelas crianças, no sentido de que “[...] há todo um conjunto de simbologias, produzidos por todos, estar sensível a essa produção realizada pelas crianças é a preocupação fundamentadora assim como as produzidas pelos demais atores sociais daquele contexto [...]” (CORRÊA, 2018, p. 93).

As crianças apresentaram em suas fotografias os mais variados espaços e situações de convivência vividos por elas, com destaque a sua “própria casa”, as paisagens do lugar, as pessoas em suas movimentações, seus espaços de convívio e de brincadeiras, aspectos da sua vida social (CORRÊA, 2018).

Em síntese, o estudo destacou os contextos diferenciados de viver a infância pelas crianças, situando a realidade em que vivem, seus modos de viver e interagir com o ambiente e grupos de pessoas. Mostrou que a sua identidade do ser criança é construída nas interfaces do cotidiano, nas vivências nos diversos espaços sociais e no compartilhamento de conhecimentos e saberes.

Mostrou ainda, que as crianças são atores sociais de sua realidade, pois estão a todo momento envolvidas nas ações do dia a dia do lugar, produzindo cultura e desenvolvendo suas características e especificidades por meio de experiências, proporcionando sentidos e significados para sua infância.

Em suma, percebemos que os estudos convergem na perspectiva da criança como sujeito social, que constrói a sua infância a partir da sua história de vida e cotidiano, que são potenciais no desenvolvimento de práticas culturais a partir das relações que estabelecem com pessoas distintas. Elas vivem um tipo de interação social com sua família, com seus pares, com a natureza, experimentam atividades do dia a dia e na vida comunitária como remar uma canoa ou tomar banho no rio, e nesse interim, vão se apropriando e formulando saberes e aprendizagens significativas constituidoras de uma dada identidade cultural (amazônida) e de sentidos infantis.

Tomando os estudos enfocados aqui, podemos dizer um pouco sobre quem são crianças da Amazônia paraense, e como se constrói as suas infâncias, que diferem de outras regiões do

nosso país. As crianças com distinções de raça, gênero, religiosidade e habitantes da/na Amazônia, carregam processos que a validam como:

- a) Sujeitos históricos, dada suas relações com as culturas locais, a ancestralidade amazônica e a própria história da Amazônia. Vivem, meninos e meninas, ainda hoje os avanços e retrocessos da sociedade e que se articulam quando da construção da sua infância nesse social amazônico.
- b) Atores sociais. São meninos e meninas que se fazem presentes nos espaços sociais, interagindo com os todos e com tudo a sua volta, e dessa forma são aprendizes e produtores de culturas infantis, alimentada por interações, brincades, saberes e outras atividades do cotidiano.
- c) Produtores de cultura, galgada pelas vivências potencialmente articuladas com a natureza amazônica, os simbolismos e produções dos lugares em que vivem.

## **2 As crianças e infâncias da região do Baixo Tocantins**

Como mencionamos, os estudos desse tema e região são escassos. Por isso, os trabalhos não abordam centralmente o eixo em análise, porém envolvem aspectos que se relacionam com a construção do ser criança região do Baixo Tocantins. Nos referimos aos estudos de Pojo (2017) e de Silva (2005).

### **2.1 O ser quilombola e ribeirinho em Abaetetuba-PA**

A tese de Pojo (2017)<sup>8</sup> analisa os modos de vida do ser quilombola e ribeirinho, pontuando o lugar e tempo marcados pelas águas que cercam as relações sociais e culturais na comunidade do rio Baixo Itacuruçá em Abaetetuba-PA. Sua pesquisa de cunho etnográfico, almejou compreender as práticas que permeiam a vida e a cultura local dos indivíduos, que produzem e reproduzem saberes no cotidiano.

A tese está estruturada em cinco capítulos, quais sejam: A comunidade é nossa - abordagens conceituais sobre comunidade tradicional”, “O rio, ele é fundamental- o cotidiano da comunidade do rio Baixo Itacuruçá”, “Então, cada um vai se virando como pode! Os afazeres na vida cotidiana”, “Eu não sou muito chegada nisso, mas por necessidade fui aprendendo [...] os saberes-fazer: ênfase ao conhecimento local” e “Quilombo é desenvolver a cultura - o aprendizado das crianças na vida e na escola”, na tentativa de compreender como se dá o processo de identidade do ser quilombola e ribeirinho na região do Baixo Tocantins e na comunidade investigada.

---

<sup>8</sup> Doutora em Ciências Sociais. Atua como docente da UFPA. Coordena o grupo de pesquisa e extensão *De Bubuia Amazônica*.

Convém ressaltar que em todos os capítulos, a autora além de dialogar com seus interlocutores agricultores/as também dialoga com as crianças, pois elas estão presentes nas práticas culturais da comunidade. As crianças são evidenciadas por estarem envolvidas com as coisas e nos lugares da comunidade, na medida em que compartilham de forma coletiva os espaços, porque suas interações e brincadeiras em meio a natureza se davam também nos espaços do trabalho dos adultos, porque estavam com suas vidas, desenvolvendo a cultura local.

Antes, porém, de situarmos as crianças na tese, cabe mencionar um pouco sobre a Amazônia, a região do Baixo Tocantins e a comunidade pesquisada.

A Amazônia é plural por ser diversa, complexa e carregada de contradições sociais e potenciais naturais, ela constrói-se nos caminhos de rios e florestas, de produção e culturas locais, de subsistência e resistência de suas gentes, lócus onde vivem diversos povos, sendo ribeirinhos e quilombolas, assentados ou rurais, indígenas ou agroextrativistas, urbanos, fomentando várias configurações sociais e culturais, além dos saberes locais, das vivências entre os indivíduos que vivem e trabalham na interação com o ambiente e em meio a relações sociais.

Na tradição amazônica está imbricada a cultura indígena, que desde sempre os povos habitaram esta região e desenvolveram saberes e modos de vida específicos nas florestas e matas, nos rios. Vivendo momentos de lutas e resistência ao poder estabelecido pelos colonizadores para com estes, ainda assim ajudaram a construir a sua identidade histórica e cultural amazônica e da Amazônia (POJO, 2017). Isso nos faz entender que, o que envolve a constituição dos sujeitos que pertencem a determinada tradição é o seu lugar histórico de vida humana.

Outra singularidade é que:

Na Amazônia os rios margeiam temporalidades. É costumeiro ouvir das pessoas do lugar: a gente foi criado n'água, por configurar-se a própria água da natureza como um sinalizador da vida. São tão fortes os rios e suas águas na vida da comunidade que é pelo nome deles que a escola e a comunidade quase sempre são identificadas, ou seja, é quase sempre por um rio que uma comunidade se orienta, se identifica, se conhece e se reconhece (POJO, 2017, p. 70).

Pojo (2017) situa a comunidade do rio Baixo Itacuruçá em Abaetetuba-PA como uma das centenas de comunidades tradicionais que fazem seus ciclos de vida articulado aos espaços dos rios, das matas e da terra, onde circulam atividades produtivas e extrativistas que envolvem as vivências do ser quilombola e ribeirinho, em suas relações sociais e econômicas. O rio Itacuruçá é o principal meio e referência desses espaços naturais onde os quilombolas e

ribeirinhos vivem, fazendo deste um cenário de várias interações entre as pessoas das comunidades.

As atividades da comunidade, são basicamente, a agricultura e o extrativismo desenvolvido por muitas famílias, proporcionando o sustento e a renda familiar por meio dessas produções. Além de provimento econômico, essas práticas envolvem também saberes culturais, na organização de cada etapa do trabalho, pois cada produção tem a sua forma de fazer, ligados aos aspectos sociais do lugar onde vivem.

A região do Baixo Tocantins é diversa, situada por vários contextos locais, entre ilhas, estradas e ramais, constituída por uma organização própria de viver socialmente. Segundo ela:

De modo geral, trata-se de uma região de rios e de matas, com características campesinas que comportam uma pluralidade de ribeirinhos, pescadores, colonos, assentados, peconheiros, quilombolas etc., eminentemente agricultores de hortaliças, do intenso cultivo do açaí e da mandioca, da produção da farinha, da criação de animais, do artesanato, da carpintaria, da pesca e, agora, com força, de trabalhadores das empresas que estão atuando no monocultivo do dendê (POJO, 2017, p. 51).

Como vimos, para a autora, o reconhecimento local é evidenciado no cotidiano, no movimento do tempo e espaço das relações, orientando os seus modos de vida e sua identidade cultural. É a partir desses ensinamentos e práticas que ocorrem os saberes cotidianos, por meio da observação e participação nas atividades locais. Com isso, percebemos que através dessas dinâmicas de práticas e saberes, que se evidencia a educação informal, pela organização e movimentos de ensino e aprendizado, que circulam por meio das interações sociais e culturais, entre pais e filhos e relações com a comunidade (POJO, 2017).

Precisamente no último capítulo, “Quilombola é desenvolver a cultura - o aprendizado das crianças na vida e na escola”, que a autora traz centralmente as crianças para o debate do “ser quilombola” e ribeirinho. O foco são as práticas sociais cotidianas por meio do brincar, gerando aprendizagens, em mediação com a natureza, a escola, a convivência entre os adultos e em atividades de trabalho.

Para Pojo (2017) no cotidiano da comunidade, o brincar em sua essência é uma das práticas culturais significativas e desenvolvidas pelas crianças, ou seja, evidencia “[...] que a brincadeira e a ludicidade na comunidade são vistas como ações do cotidiano exercidas por grupos infantis e com valorização dos adultos” (p. 173).

Afirma ela, que os espaços de interação com a natureza do lugar por meio dos quintais, nos trapiches, as margens do rio, entre outros, são forma de se construir as aprendizagens das crianças. É nesses diversos lugares de experiências, que elas encontram um espaço fértil para

desenvolver o brincar. Os aprendizados por meio do brincar ocorrem de várias formas no seu lugar de convívio das comunidades. Assim,

No Itacuruçá Baixo, também são comuns atividades do brincar subindo em árvores, desenhando e sentado na terra, correndo no terreiro, como ações corriqueiras e criativas das crianças. Nesse fazer, elas aprendem a atentar se chove ou se faz sol, se tem vento ou não, se o quintal está seco ou molhado, o tamanho do espaço etc. [...] Na várzea, aprendem a sinergia do que dizem: a gente foi criado n'água, pois as águas e o rio animam o brincar. Constantemente, a canoa ou a rabeta transforma-se em brinquedo que serve para balançar, para passear ou para disputar corridas. As crianças conversam sentadas nas pontes que unem as casas. Durante o banho no rio, elas conversam, riem, brincam (POJO, 2017, p. 182).

Nessa perspectiva, percebemos que a dinâmica do brincar é cheio de simbolismos que marcam a vida e a identidade cultural das crianças que habitam determinados espaços coletivos. No espaço escolar as brincadeiras estão fora dos horários de aula, sendo uma das mais praticadas “o brincar de formô”<sup>9</sup>, sendo uma prática cultural local.

O processo de aprendizagem inserido na vida das crianças, se dá também, por meio das atividades e afazeres do dia a dia, através da socialização e observação das crianças que acompanham os pais em diferentes atividades. “O adulto serve de ‘referência’, pois veem nos pais, nos avós e nos tios o aprendizado diário entretido entre a convivência, que contribui para a formação social de futuros pais e mães de família” (POJO, 2017, p. 187). Assim, brincar e as tarefas do cotidiano se misturam, pois ao mesmo tempo que brincam elas também estão envolvidas em ações corriqueira como “[...] *alimpar o quintal capinando o mato*, carregar água do rio para uso doméstico, reparar o irmão ou levá-lo até a escola em uma embarcação. Assim, vivenciam em suas rotinas o labor, o estudar e o brincar em situações e ocorrências diferenciadas” (POJO, 2017, p. 188, grifos da autora).

Com isso, é comum as crianças “ajudarem” seus familiares em atividades de trabalho para a produção do sustento e da economia familiar, fazendo desta prática de cultura local um meio de aprendizagens educativas junto aos seus pais. A produção de farinha é uma das atividades mais realizadas nas comunidades do Itacuruçá, desenvolvida por adultos e, sob a ajuda ou o brincar das crianças.

Para Pojo (2017), as crianças não reproduzem tão somente o saber, elas reformulam e constroem as suas aprendizagens por meio da cultura local.

Já na educação escolar, as comunidades quilombolas enfrentam várias questões para se obter uma qualidade educacional, principalmente, que valorize o “ser quilombola” e sua “diversidade cultural” inseridas nesse contexto. Nesses aspectos, diz a autora, as escolas estão

---

<sup>9</sup> É uma brincadeira própria da comunidade, ainda não vista em outra região. É praticada pelas crianças nos intervalos das aulas, as quais interage entre si, com regras e uma forma própria de desenvolver a brincadeira.

muito aquém do que deveria ser trabalhado no currículo dessas comunidades pois “[...] a cultura local ainda não atravessa radicalmente o currículo e a ambiência escolar, de forma que ajude na consciência política e de compreensão do “ser quilombola” por parte do povo” Pojo (2017, p. 209), sem contar que vivem uma realidade diferente comparada a outras regiões do país.

Pojo (2017) finaliza o capítulo, reafirmando que cada lugar tem as suas particularidades, e é por meio dessas significações que se constroem as dinâmicas do cotidiano e os saberes desenvolvidos por todos que moram nessa região, inclusive as crianças. A cultura é o que permeia o cotidiano de adultos e crianças, pois é por esta que se constrói o ser quilombola, em sua identidade. Os conhecimentos compartilhados pelas interações, vem trazendo experiências e significados, que são transmitidos pelos símbolos que cercam os processos de “saber-fazer”, que movimentam a vida e a formação de aprendizados. É nesse contexto, que as crianças vivem momentos de desenvolvimento de conhecimentos e aprendizagens, por meios das ações que ocorrem no movimento diário de suas vidas, fazendo sentido para esses sujeitos, que produzem e reproduzem saberes, principalmente, através das brincadeiras e interações na vida local, que tem sua expressão cultural própria de vivência com o ambiente natural, familiar e escolar e entre outros espaços.

## **2. 1 Construção da prática docente na educação infantil**

A dissertação intitulada “Formação continuada de professoras de infância no Baixo Tocantins: concepções de crianças [infância] e interdisciplinaridade” de Silva (2005)<sup>10</sup>, discute concepções de criança, infância e a interdisciplinaridade no processo de formação docente na região do Baixo Tocantins, com a finalidade de compreender os processos educacionais para a qualidade na atuação de professores, ressaltando a formação continuada de professores que atuam com crianças. Traz o desafio de evidenciar as práticas e a educação do ser amazônido/a.

A pesquisa se desenvolveu na perspectiva histórico-filosófica, que investiga e valoriza as construções sociais no tempo e no espaço de cada cultura pelos indivíduos.

A dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo “Formação de professoras de infância: um desafio permanente”, o autor discorre sobre a formação continuada das professoras da educação infantil, na realidade da região amazônica e no contexto

---

<sup>10</sup> Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará-UFPA (1998). É professor da UFPA, Campus Universitário de Castanhal. Doutorando em Educação em Ciências e Matemáticas/PPGCM/IEMCI/UFPA (2020). Fonte: <http://lattes.cnpq.br>.

programa EDUCIMAT<sup>11</sup>. Nesse sentido, reafirma as contradições do processo formativo, os avanços educacionais com destaque para os dias atuais, em que muitas crianças não têm a oportunidade de desfrutar de uma qualidade educacional, para o seu desenvolvimento integral, observando a realidade da região amazônica com suas particularidades e anseios.

Sobre a região amazônica afirma sofrer inúmeras situações de precariedades social e educacional, o que é bastante visível com a falta de qualidade na formação de professores que atuam na área de educação infantil na região do Baixo Tocantins<sup>12</sup>, “[...] há uma relação direta entre a qualificação dos professores e a qualidade do atendimento, que, no contexto da educação infantil no estado do Pará se apresenta como mais um colossal desafio” (SILVA, 2005, p. 28).

Nesse sentido, é preciso entender a realidade vivida pelos professores que habitam essa região, que possuem várias cidades situadas em diferentes lugares. Diz o autor, que a região do Baixo Tocantins é um território de diversidades culturais e de práticas sociais que a tornam um complexo desafio de contexto. O deslocamento entre as cidades, que possuem rios e estradas a serem percorridos, é uma das dificuldades enfrentadas por esses indivíduos, que buscam uma formação continuada (SILVA, 2005).

A realidade dos contextos locais de cada município da região apresenta desafios próprios que precisam ser entendidos de forma particular. Ou seja, para ter um bom êxito na formação continuada desses professores, é necessário compreender as realidades sociais dessa região e de cada lugar, “[...] é preciso desprender-se das generalizações e mergulhar na riqueza desafiadora dos contextos locais. É preciso conhecer para contribuir” (SILVA, 2005, p. 39).

As realidades situadas pelo autor e com base no seu estudo, mostraram-se reveladoras de grandes problemas de políticas públicas no sentido de falta de condições para a qualidade na educação aos que vivem à margem da sociedade, negando os seus direitos. Revelou muitos desafios a serem enfrentados no sentido de uma educação que reconheça as dimensões que envolvem os aspectos educacionais, sociais e políticas dessa região e das localidades.

O segundo capítulo, “Condição e concepções de criança [infância] no mundo e no Brasil: faces da exclusão”, o autor discorre sobre conceitos de criança e de infância, que foram produzidos na história, e como isso reflete na visão de professores, na construção do conhecimento e aprendizagens das crianças. Para isso, inicia este capítulo afirmando das

---

<sup>11</sup> Programa de Formação, Tecnologia e Prestação de Serviços em Educação em Ciências Matemática, intencionado a desenvolver formação continuada de professores a docente que não tem condições de se locomover todos os dias de suas cidades e, com ação na região do Baixo Tocantins (SILVA, 2005).

<sup>12</sup> O programa abrangeu os seguintes municípios da região: Abaetetuba, Moju, Bujaru, Concordia do Pará, Limoeiro do Ajuru, (SILVA, 2005).

desumanidades porque passam as milhares de crianças. Ou seja, é negada a criança a viver sua infância, quando o seu direito não é garantido efetivamente, deixando-as em situações de precariedade social. Na Amazônia isso fica mais evidente, apesar dessa região ser um amplo lugar de recursos e diversidades naturais, as lutas sociais são ainda maiores. As políticas públicas não alcançam a grande maioria dessas crianças, muitas famílias vivem abaixo da pobreza, apenas vivendo daquilo que produzem para a sua sobrevivência. Ainda, enfrentam a violência em vários aspectos, social, física e psicológica, e falta de educação socialmente qualificada (SILVA, 2005).

Frente a essas questões, o autor compreende que para perceber como os professores constroem as suas concepções sobre a infância e educação, é preciso refletir sobre as suas experiências nesse contexto social, político etc. “Pode-se definir que tais categorias representam ao mesmo tempo uma experiência individual e coletiva, construída nos espaços vividos e marcada pelos símbolos sociais” (SILVA, 2005, p. 65).

Com base nos relatos das professoras, encontra-se situado em suas práticas o método “tradicional” de ensino. Destaca também a respeito das crianças e infâncias, em que a maioria das professoras consideram que o tempo da infância, é para “aprender e ensinar”, “revelando uma consciência pedagógica onde a criança (aluno) é percebida não só como sujeito que aprende, mas que também “ensina”. A respeito de como as crianças são tratadas, as veem de duas formas, umas consideram “como sujeitos de aprendizagem”, e outras, “como crianças” que precisam de cuidados, não as considerando como sujeitos sociais (SILVA, 2005, p. 73).

Ficou evidente, no seu estudo, as muitas contradições a respeito do que é a infância, pois muitas professoras tiveram uma formação que não aprofundou essa questão, o que influencia nas suas ideias e no fazer pedagógico. Por isso, o autor defende a importância de uma boa formação inicial e continuada, para o melhor entendimento acerca das crianças em suas particularidades.

No terceiro capítulo “Professoras de infância: concepções e práticas interdisciplinares”, reflete sobre a questão da interdisciplinaridade como um meio de articular a teoria e prática pedagógica. Aqui sobressai a necessidade de os docentes constituírem uma prática educacional comprometida com a melhoria da educação, com o desafio de transformar o processo de educação por meio das realidades presentes em nossa sociedade, assim, “[...] trabalhando a construção do conhecimento a partir da percepção do próprio indivíduo e seu meio, de modo que o aluno se sinta como parte integrante do universo e do conhecimento estudado [...]” (SILVA, 2005, p. 88). Das interlocuções com as professoras, elas reconhecem que este trabalho

é uma forma de desenvolver melhor o trabalho educacional com as crianças, na medida em que se busca relacionar as coisas a sua volta, e isso, se faz por meio da reflexão e ação da prática pedagógica do dia a dia.

No quarto capítulo “Dialogando com as concepções das professoras do Baixo Tocantins: a criança [infância] e interdisciplinaridade”, a autora traz reflexões acerca das concepções dos sujeitos da pesquisa, a medida em que se constroem ao longo do estudo. Neste capítulo, Silva (2005) evidencia que a grande parte das professoras tem sua formação inicial a graduação, sendo a maioria, licenciatura em Pedagogia. Entretanto, é necessário que tenham outras formas de continuar adquirindo novos conhecimentos, para ter êxito no processo de educação das crianças, frente as realidades atuais.

O autor concluiu que o estudo envolveu várias dimensões a respeito da prática docente na educação infantil, transversalizando o fazer pedagógico, os processos de formação iniciada e continuada de professores, evidenciando o quanto é necessário estar em contínua busca de conhecimentos para uma prática educativa exitosa. Construir um processo de reflexão acerca da realidade das crianças e suas infâncias, revelador dos desafios do trabalho sintonizado com a vida social e cultural das crianças, sabendo que são sujeitos que tem suas especificidades e saberes próprios, a partir do mundo em que vivem e desenvolvem seus conhecimentos.

Percebemos, nos dois trabalhos, aspectos dos infantes que habitam a região, sobressaindo no âmbito educacional o dilema da precariedade e má qualidade do ensino, entre outros fatores o do não atendimento dentro da realidade sociocultural que criança está inserida e com suas especificidades, acarretando um trabalho educacional que sombreia/invisibiliza os saberes locais e as produções infantis das crianças, logo que nega sua identidade de sujeito amazônida. Reiteramos, se vivencia uma educação escolar dissociada da concepção do ser criança-atuante, histórica e produtiva bem como da negação dos saberes na dinâmica da região.

Ao mesmo tempo, os estudos sugerem pensar as crianças em suas infâncias da/na região tocantina, como:

a) Constituídas por um processo identitário amazônico. São originárias e atuantes da mescla dos povos ribeirinhos, quilombolas, rurais, urbanos, assentados etc. bem como possuem consigo retrospectos da cultura amazônica em sua ancestralidade, resistência e subsistência de vida, de cultura que se dão nas relações de suas práticas sociais, e compartilhadas coletivamente de e entre crianças.

- b) Construtoras de práticas culturais formadoras de uma da cultura infantil, gestadas nos movimentos do brincar e nas interações, nas vivências do/no lugar e com as pessoas, gerando significados para as crianças que vivem nessa região.
- c) Vivenciam a educação escolar, em condições precárias e com uma qualidade que precisa e muito ser qualificada, por isso suas visões de mundo e experiência ainda não são levadas a sério.
- d) São sujeitos de aprendizagem. Apreendem e aprendem os/nos espaços vividos socialmente, são potenciais nos ensinamentos de suas formas de experimentar a cultura em práticas infantis.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo analisou como as crianças são concebidas e como estão vivendo suas vidas, a partir de pesquisas em teses e dissertações. Partimos da ideia de que na Amazônia, e precisamente, na região do Baixo Tocantins, existem uma pluralidade de crianças e infâncias, que vivem em diversos contextos, sociais, econômicos, culturais e educacionais, logo, orientando a sua forma de viver e aprender e que podem refletir o fazer da escola nesses territórios.

Inicialmente, convém dizer que as crianças são sujeitos presentes e ativos na sociedade brasileira. Pontualmente, na Amazônia ainda vivem uma realidade social que se apresenta sob precárias condições de vida e de educação em diversas ordens. Ainda assim, milhares de crianças amazônidas conseguem dá outros contornos aos seus “mundos infantis”, ao construírem e partilharem suas práticas sociais e culturais, bastante singular da vida e do ser amazônida. De outro modo, as crianças estabelecem relações com o contexto vivido e produzem práticas sociais em meio as suas experiências cotidianas, e dessa forma galgam saberes. É por meio desses movimentos que as crianças constituem as suas identidades, solidificam suas culturas infantis que se identificam com o território amazônico.

Nos estudos dos autores/as Buecke (2019), Andrade (2018) e Corrêa (2018), que trazem em suas pesquisas os contextos amazônicos de regiões distintas e de tempos históricos (colonial, Marajó e bragantina) ficou evidente, que a criança é vista como ator social no território que habita com base em suas experiências e práticas culturais sedimentadoras de suas infâncias e que perpassam os aspectos social, cultural e educacional bem como envolve a participação e o compartilhamento de saberes, envolve relações do brincar e do convívio familiar.

Nos estudos dos autores/as Pojo (2017) e Silva (2005) os quais são territorializados na região tocantina, precisamente em contextos de Abaetetuba e outros, ficou evidente que há uma

identidade própria de ser criança pela particularidade também desse contexto, matizado pelos espaços de interação com o território, pelos momentos significativos que partilham/participam, pelos modos de viver dos lugares, seu sentido comunitário entre outros aspectos. Também, se observou a falta de suporte educacional nas escolas da região onde se desenvolveu os estudos, com a ineficácia das políticas públicas que não alcancem a todos igualmente. Ademias, também não se leva em conta as identidades socioculturais nos processos educativos, acentuando ainda um tipo de formação urbanocêntrica.

Tais estudos constataam a presença marcante das crianças nos mais variados contextos sociais, ou seja, elas estão envolvidas em atividades do cotidiano do lugar, seja observando ou ajudando seus pais em atividades laborais ou festejos comunitários, seja transitando nos espaços dos lugares como os quintais, o rio, a escola, seja convivendo com adultos de suas famílias, demonstrando que por esses processos vão adquirindo saberes presentes na cultura e nas suas práticas da comunidade. Tais saberes se processam por meio das relações com o lugar, como cita a autora Buecke (2019), acentuando que a aprendizagem e os valores culturais ajudam no sentido de pertencimento local, que moram e convivem coletivamente. Ou como afirma Andrade (2018) que as crianças são ativas no ambiente fazendo do seu espaço várias trocas de conhecimentos, pela forma como agem, vivem experiências e significam o seu lugar.

A Amazônia é vista nos estudos como rica na diversidade socioambiental, paisagística e natural, e as crianças vivem e se apropriam desses espaços, elas se utilizam da natureza como um instrumento de referência e de aprendizado como é marcado nos seus brincar e interações, conforme são exemplificados momentos vividos nos estudos de Andrade (2018), Corrêa (2018) e Pojo (2017).

Essas crianças amazônidas vivenciam como parte de práticas sociais o brincar no seu ambiente social e da natureza, configurando sua identidade de ser criança na Amazônia (POJO, 2017). O brincar é vivido nos ambientes e nas relações, são exemplos o nadar nos rios, pilotar a canoa, brincar de pira na água, de pipa na proa da canoa entre outros, como são vistas na comunidade da Vila Piriá por Andrade (2018) e no Itacuruçá por Pojo (2017). Como síntese, sabemos por meio da brincadeira as crianças se reconhecem, usam a imaginação, criam e recriam novos saberes e sentidos para vida e sua cultura infantil, fato esse bastante notado no estudo de Corrêa (2018) principalmente quando relata o experimentar das iguarias como o turú, nessa experiência além do gosto e criança brinca trazendo sua imaginação e desejo.

Outro aspecto, bastante evidenciado pelos estudos é que interação com seus pares e adultos. Ou seja, através das atividades praticadas em família, como a do contexto da pesca na

região de Bragança apontada por Corrêa (2018) ou na produção agrícola em atividades de plantios nos quintais e a *fazição* da farinha na comunidade do Baixo Itacuruçá salientada por Pojo (2017), as crianças vivem aprendizados, se apropriam de saberes locais, escutam/sentem os ritos ou costumes ancestrais porque elas se envolvem seja brincando, “ajudando”, e simplesmente observando ou na convivência com adultos. Os espaços de convivência na família e com pares são ricos em troca de saberes, ao mesmo tempo, que as crianças aprendem, também ensinam, e essa contribuição se dá fora da escola bem mais que nela, por meio de uma diversidade de lugares e modos de viver a cultura. E, assim, vão constituindo suas infâncias.

Dessa forma, entender o ser criança em suas infâncias na Amazônia paraense, é adentrar ao seu contexto social e cultural vivido por esses indivíduos no cotidiano, percebendo como se configuram como pessoas, como cidadãs, como sujeitos de direitos. Significa visibilizar as dificuldades e descasos com as populações da região amazônica e a tocantina, que na maioria das vezes, são alijadas do seu direito a educação e vida com qualidade, deixando-as vivendo precariamente e sem o devido reconhecimento social.

As crianças do Baixo Tocantins são constituídas pelas identidades sociais e culturais de ser ribeirinho ou quilombola, de ser rural e amazônida, de ser assentada ou agroextrativista, de estar envolvida e pisando na terra, de viver integrada com a natureza; experiências compartilhadas coletivamente, comunitariamente, entre pares e com os adultos. São construtoras de culturas infantis em seus movimentos brincantes, lúdicos, interativos e integrados as atividades de trabalho familiar, em vários espaços onde circulam as vivências, gerando significados às crianças que vivem nessa região. Elas vivem entre lutas constantes pelos seus direitos de aprendizagem e por políticas públicas que garantam a qualidade da educação, como um aspecto bastante notado nos estudos.

Mesmo com um estudo bastante aligeirado, foi possível compreender que é necessário um olhar mais atento as especificidades de cada local e aos espaços de convivência dos infantes, olhar as suas condições de vida em nossa região e na Amazônia, desvendando os saberes imbuídos na realidade, suas vozes e necessidades para a valorização das identidades das crianças da Amazônia.

Ousamos dizer que as crianças do Baixo Tocantins, parte integrante da Amazônia, são crianças pardas, negras, brancas, amarelas; são meninas, meninos (*esses pequenos* na linguagem cabocla amazônica), crianças que se acham adolescentes pela imposição etária, mas que constituem-se nos seus ciclos pares-crianças; são habitantes de contextos indígena, quilombola, ribeirinho, urbano, rural, do campo ou assentado, logo são sujeitos cujos processos

identitários são matizados também pela vida nos territórios e suas culturas próprias. São parte da Amazônia paraense, um território gigante em extensão geográfica, em potência cultural e humana, em processos complexos e pluriversos no sentido das condições de vida dos habitantes, isto é, somos, são as crianças parte da Amazônia paraense, marcada por riquezas e contradições.

Como profissional da educação, aprendi um pouco mais de quem são as crianças amazônicas, até porque são poucos os estudos que discutem sobre o tema, portanto, há muito para aprender sobre elas, com elas e para elas. Só assim, poderemos desenvolver práticas educativas de acordo com o que é significativo para a sua vida, assim direcionando melhor a prática docente em nossa região cheia de diversidades de crianças, de infâncias e de culturas.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Simeia Santos. **A infância da Amazônia Marajoara: sentidos e significados das práticas culturais no cotidiano das crianças ribeirinhas da vila do Piriá - Curralinho/PA.** Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte, 2018.

BUECKE, Jane Elisa Otomar. **Infância e práticas educativas na Amazônia seiscentista.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

CORRÊA, Jéssica do Socorro Leite. **A criança e o Mar: saberes e infâncias em dois contextos de pesca, Bragança-PA.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Interdisciplinar em Linguagens e Saberes na Amazônia, Campus Universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará, Bragança, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

POJO, Eliana Campos. **Gapuiar de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA.** Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Adriano Sales dos Santos. **Formação continuada de professoras de infância no Baixo Tocantins: concepções de crianças [infância] e interdisciplinaridade.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico. Belém, 2005.